

OPÚSCULO 26

— Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura —

Pedro Baía

AUTORISMOS

Nota do Editor

Este *Opúsculo* é diferente dos outros. É também o último desta primeira série e, creio, a sua forma assinala esse limiar. Entendidos como pequenos, informais e descomprometidos, permitiram algumas divagações disciplinares com liberdades assinaláveis. Quase pronto para publicação, este texto foi alvo de uma crítica disciplinar. Essa crítica pôs em evidência o limite entre a liberdade disciplinar da arquitectura e a intromissão dessa liberdade noutros campos do saber. Perante essa tensão, fez-se recurso, como noutros *Opúsculos* antecedentes, a uma leitura especializada. Desta vez devemos agradecer o contributo precioso da Ana Isabel Soares [AIS], aliás uma leitora e crítica regular das nossas edições. A reacção foi a seguinte e alguns comentários que fez comparecem como notas ao texto:

O texto tem o interesse—ou a curiosidade—de revelar que alguns críticos de arquitectura, ou arquitectos (que por vezes são ambos), quando escrevem sobre arquitectura, agem do mesmo modo que os críticos de literatura agem quando escrevem sobre literatura, ou que os críticos de gastronomia quando escrevem sobre gastronomia: recorrem a dados e léxico culturalmente (diria talvez idiomáticamente) reconhecíveis pelos seus pares.

Do ponto de vista linguístico, o texto tem faltas relevantes: o facto de não distinguir entre nomes e adjectivos (há uma diferença entre modernismo e moderno, assim como haveria entre taveirismo e taveirada, coisa que nem sequer é a florada) é um exemplo lapidar. A intenção de integrar «novas entradas lexicais no Dicionário de Língua

Portuguesa Contemporânea» li-a como brincadeira—só pode ser lida assim, já que a entrada de novas palavras nos dicionários não é coisa decidida por arquitectos ou críticos de arquitectura, assim como a invenção de novos materiais ou modos de construção, coisas de engenheiros ou físicos ou seja o que forem, não é da responsabilidade de gramáticos. Cada símio no seu raminho. Duvido que a publicação desta proposta tenha impacto na comunidade de responsáveis pelos dicionários da língua portuguesa e isso é independente do mérito crítico ou da vontade do Pedro Baía.

A resposta não se fez esperar e ecoa precisamente o espírito de debate que se procurava:

Como te disse no início desta aventura, gostava de explorar uma ideia que me veio à cabeça e usar este pretexto para a passar a escrita. O objectivo era divertir-me com isto. E diverti-me. Fi-lo com muito prazer. As idas à biblioteca, as pesquisas na net, a procura das abonações, as discussões entre amigos, fizeram as delícias deste símio fora do seu raminho de conforto. Cedo percebi que não dominava os termos correctos da gramática, nem da linguística. Mas, no fundo, o que me interessava era o tal fenómeno cultural no contexto do discurso arquitectónico. Porque se estes autorismos são comuns na literatura ou no cinema, a verdade é que na arquitectura não são assim tão comuns. E mais ainda quando tentamos perceber se existem autorismos derivados de arquitectos portugueses. Quanto a mim, achei curioso o facto de apenas existirem três arquitectos portugueses sufixados: Siza, Souto Moura e, surpresa, Taveira. Como também me deleitei com a expressão rossianamente, imaginando como um autor decide, num determinado momento, empregar um termo destes, desta maneira. Ficarei muito contente se alguém sorrir aqui ou ali com este texto. Ou se provocar alguma reacção no sentido de lhe conferir mais rigor e menos intuição. Foi por esta razão que li com muito prazer os comentários.

Os comentários (que não foram escritos para serem publicados) não apontam para uma reformulação do texto. Ambos os autores aceitaram, com bonomia, publicar o texto e os respectivos comentários, na medida em que não faria sentido estar a modificar o texto. O editor ficou contente, não apenas por tirar partido da crítica a que tinha sido sujeito, como também por conseguir revelar uma componente normalmente oculta das práticas editoriais. Por serem dois discursos independentes e com interesses e objectivos distintos só um leitor desavisado os poderá interpretar como conflituosos, na medida em que o seu sentido é o do diálogo. Ou seja, não se trata de exercer autoridade disciplinar entre discursos, mas de construir conhecimento conversando.

Qual é então esse limiar que os *Opúsculos* atingiram? O campo da descoberta descomprometida ou o hábito do rigor filológico e semântico da escrita? Independentemente da resposta, o diálogo será talvez a melhor forma de concluir a série destas *pequenas construções literárias sobre arquitectura*, imaginando que o género da epístola será a sua continuação ideal.

André Tavares

Porto, Fevereiro de 2011.

- ★ [AIS] Logo à partida estão a confundir-se duas coisas: o fenómeno linguístico que é a derivação de nomes próprios para nomes comuns e adjectivos (prática muito dinâmica e de resultados não necessariamente dicionarizáveis) e aquilo a que já se chamou «brandização»², um fenómeno cultural que ultrapassa a linguística.

«Autorismo» não é um fenómeno linguístico—a esse chama-se, no caso, «derivação morfológica». «Autorismo» terá um sentido equiparável ao de «maneirismo», um modo de fazer ou de identificar coisas que estão feitas de determinado modo e isso não «ocorre na comunicação oral e escrita» (como se fosse acontecimento meramente linguístico), ocorre no discurso cultural de uma determinada comunidade profissional, ou, generalizando, no discurso cultural em volta da arquitectura.

AUTORISMOS

A SUFIXAÇÃO AUTORAL NO DISCURSO ARQUITECTÓNICO

Este texto concentra-se no fenómeno cultural que ocorre quando o nome próprio de um autor origina uma nova palavra—um curioso fenómeno que designaremos como *autorismo*. Trata-se de uma reflexão que incide sobre os valores semânticos do discurso arquitectónico. Se o mote é lançar algumas hipóteses para o registo de novas entradas lexicais no Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea, o propósito é sobretudo descrever como se fala e escreve no campo da arquitectura. Para uma possível actualização do estado lexical do discurso arquitectónico recorreremos a abonações recolhidas em publicações de arquitectura, de forma a esclarecer o sentido do autorismo em causa e as circunstâncias da sua utilização. Para além destas fontes documentais também se recorreu a um certo senso comum e à memória intuitiva.

Tendo em conta que o autor é arquitecto, sem especial formação nos domínios especializados da língua portuguesa, devemos sublinhar que a estratégia deste opúsculo foi motivada por um exercício onde se procurou, a partir de um rigor intuitivo,¹ ensaiar uma hipótese de aproximação afectiva ao fenómeno.*

Uma proposta incauta para a definição:

autorismo *s. m.* (Do lat. *auctor*, ‘autor’ + suf. *-ismo*). *Ling.* Fenómeno em que ocorre um processo morfológico de derivação do nome próprio de um autor marcante no domínio do pensamento, das ciências, das artes e das letras e que dá origem a uma palavra ou expressão com um sentido novo.

Autorismo

O fenómeno do autorismo ocorre na comunicação oral e escrita, nos domínios do pensamento, das ciências, das artes e das letras. Ao longo dos tempos, tem dado origem a uma série de novos vocábulos como *dantesco*, *maquiavélico*, *marxista* ou *freudiano*, termos frequentemente utilizados na linguagem corrente. O recurso ao autorismo pressupõe a valorização e reconhecimento de uma vincada marca autoral. Ou seja: é a partir da pertinência de relação com determinado autor que o neologismo ganha forma e se impõe no discurso. No entanto, a evidência de sentido de um autorismo depende muito do grau de conhecimento do campo disciplinar em causa.

É por isso natural que dentro de cada universo disciplinar existam vários autorismos. No cinema, o recurso ao autorismo é muito frequente. Derivados do nome de um realizador, estes vocábulos são operativos no discurso cinéfilo, permitindo assinalar uma «aparição *hitchcockiana*» ou reconhecer uma «paisagem *antonioniana*». Através da atribuição de valor semântico a um autor amplia-se o significado do substantivo que o acompanha. Por exemplo, o *diálogo* deixa de ser um mero *diálogo*, se for descrito como um «diálogo *godardiano*», ou uma *cena* deixa de ser uma mera *cena* se for descrita como uma «cena *felliniana*». Há um pensamento elaborado por detrás de cada utilização de um autorismo—na distinção entre uma «tensão *rohmeriana*» e uma «tensão *lynchiana*» há um raciocínio latente que sustenta essa qualificação. No entanto, neste processo de construção de sentido, a interpretação de um determinado universo autoral será sempre pessoal, subjectiva e, por isso, discutível.

Focamos aqui, sobretudo, a linguagem específica do discurso arquitectónico. A partir de uma análise da sua nomenclatura procuramos identificar os autorismos mais utilizados por arquitectos, historiadores, teóricos e críticos. Ficam naturalmente excluídos os neologismos excessivamente personalizados e os que não são reconhecidos dentro do meio disciplinar, ou seja, as palavras não apropriadas e sem continuidade operativa. São valorizados assim os autorismos que designam noções pertinentes e relevantes no discurso arquitectónico contemporâneo.*

* [AIS] Nada leva a crer que estes processos de construção de sentido sejam subjectivos. A exclusão de «neologismos excessivamente personalizados» só corrobora a ideia de

Sufixação autoral

Para compreender melhor o significado destas palavras construídas através de processos morfológicos de derivação lexical, como a sufixação, é necessário ir à raiz da sua formação: os sufixos. Como elemento de formação da nova palavra, o sufixo deverá ser analisado no seu valor semântico. Dos vários sufixos existentes, focaremos oito sufixos nominais: *-ista*, *-esco*, *-ino*, *-ico*, *-óide*, *-ção*, *-ada* e *-iano*.

-ista a) *elem. de form.* (Do lat. *-ista*). Exprime as noções de: 1. Agente (*futebolista*, *jornalista*, *propagandista*). 2. Partidário de um sistema político, filosófico, artístico ou religioso (*comunista*, *socialista*). b) *sufixo nominal*, de origem grega, que exprime a ideia de *adepto* de um sistema político, de uma doutrina religiosa, de um sistema filosófico, de uma tendência artística, ou ainda, a ideia de *músico* ou *cantor* (*franquista*, *budista*, *racionalista*, *fadista*).³

O sufixo *-ista*, nos vocábulos derivados de nome próprio, é geralmente associado ao mundo da política, designando o partidário, o entusiasta, o seguidor de uma determinada corrente, desde os incontornáveis *marxistas*, *leninistas*, *trotskistas* e *maoístas*, até aos *salazaristas*, *marcelistas*, *soaristas*, *cavaquistas* e *barrosistas*. Neste tipo de sufixação é implícita

construção colectiva. É, aliás, sintomático que os exemplos apresentados de nomes comuns ou de adjectivos derivados de nomes próprios sejam do campo da literatura e do cinema (Freud e Marx, Dante e Maquiavel, Kafka, e haveria que acrescentar Shakespeare e muitos outros nomes da literatura). A esta particularidade é subjacente o princípio de que aquilo que se descreve quando se diz ou escreve «freudiano», ou «kafkiano», é uma determinada partilha com as obras dos autores cujos nomes derivaram naquelas designações. Não é apenas uma série de características mas um conjunto de modos de ser, entendido (ou compreensível) por uma determinada comunidade interpretativa. Esta prática é tendencialmente contemporânea, ou pelo menos sedimentou-se quando, a partir do final do século XIX, o hábito teórico da crítica resvalou do apontar à pessoa para o abraçar da obra, obra esvaziada até de sangue, ossos e pele do que algum dia se chamou «autor» (Estas práticas tiveram lugar por boa lembrança e culpa de autores como os historiadores da Nova História, os críticos do New Criticism ou do próprio Michel Foucault, cuja entidade igualmente passou de onto-biológica a gramatical).

Em suma: a interpretação de um universo autoral não é autónoma nem varia de indivíduo para indivíduo. A existência do fenómeno morfológico da derivação de certos nomes próprios em nomes comuns, que está aqui a ser chamado «autorismo», é prova de que essa interpretação é colectiva—tanto que a dita derivação não só ocorre com frequência como parece permitir a dicionarização de alguns dos nomes comuns derivados.

uma ideia de filiação, seja ela política ou de clube, no sentido do adepto ferrenho, como no caso do *benfiquista*, do *portista* ou do *sportinguista*.

No discurso arquitectónico português, esta sufixação não é utilizada. Poderia eventualmente acontecer com o nome de Álvaro Siza—os *sizistas*, os arquitectos seguidores e entusiastas de uma tendência ou doutrina inspirada por Siza. Mas tal não acontece. Talvez por o sufixo *-ista* comprometer uma posição fidelizada e fechada. No entanto, o sufixo *-ista* surge em confrontos do tipo *modernistas vs. pós-modernistas* ou *desconstrutivistas vs. tradicionalistas*, ou seja, em confrontos de acento mais ideológico.

-esco a) *elem. de form.* (Do it. *-esco*). Exprime as noções de: 1. Qualidade (*principesco, gigantesco, carnavalesco, novelesco*). b) *sufixo nominal*, de origem germânica, com passagem pelo italiano e pelo francês, que exprime sobretudo a ideia de *origem* ou *semelhança* (*trovadoresco, molieresco*). c) *sufixo*, designativo de qualidade, depreciação ou diminuição.

Dante Alighieri, com o *Inferno* da sua *Divina Commedia*, está na origem da palavra *dantesco*, o autorismo mais popular de sufixo *-esco*. O termo, usualmente utilizado para qualificar cenários horrendos, foi amplamente assimilado na linguagem corrente. É um fenómeno curioso, o modo como uma palavra inspirada numa obra do início do século XIV entra no discurso corrente e permanece actual. Um outro exemplo é o *quixotesco*, vocábulo formado a partir da personagem carismática *D. Quixote*, imaginada por Miguel de Cervantes no início do século XVII e que revela lirismo, ingenuidade, pretensiosismo ou alguém exageradamente sonhador. Devido à popularidade das obras de Dante e Cervantes, estes dois termos—*dantesco* e *quixotesco*—mantiveram-se operativos no tempo. Daí o carisma dos autores, ou das suas personagens, ser uma parte importante no processo morfológico de um autorismo.*

* [A15] Se é verdade que a cada sufixo se podem atribuir traços semânticos próprios, eles são-lhe atribuíveis pela frequência da sua ocorrência em determinados contextos—os sufixos são instrumentos morfológicos que se comportam como tal, isto é, dependem, antes de mais nada e à idade do seu uso inicial (coisa praticamente irre recuperável ou inapreensível), das regras do funcionamento da palavra enquanto unidade plástica (sonora, acima de tudo, assumindo que é da oralidade que parte o que se deixa escrito).

No entanto, apesar de o ponto de partida ser um carácter ou carisma específico, não existe uma correspondência directa entre a utilização generalizada de um autorismo e o conhecimento dos autores que lhe deram origem. Com o tempo (nestes dois casos, alguns séculos), muitas destas relações vão-se perdendo, dissociando-se assim o autorismo do seu autor.*

O sufixo *-esco* é também um designativo de depreciação ou diminuição, como no caso do *simiesco*, «que lembra o símio», ou do *arabesco*, «que é ao modo da Arábia ou dos Árabes». Na verdade, este tom depreciativo implícito no «que lembra» e no «ao modo de» poderia revelar-se de grande utilidade num discurso arquitectónico. Embora seja possível dizer que se vislumbram alguns traços *sizescos* ou *miesiescos* numa determinada obra de arquitectura, este tipo de sufixação não é muito usual. Mas existem. Como exemplo abonatório do uso deste sufixo apresentamos um autorismo anotado por Sergio Fernandez: «Em artigo de Raul Lino afirmar-se-á: ‘Alguns dos artistas italianos—certamente os mais interessantes—souberam inspirar-se na arquitectura da antiga Roma... Ao pé desta produção séria e vital, as tentativas Corbusierescas reduzem-se ao seu verdadeiro significado de feira oportunista, que já está sendo levantada.’»⁴ Em resumo, o sufixo *-esco* poderá

No caso vertente de «dantesco», não se usou o sufixo «-esco» por escolha de algum sentido que se quisesse apor à ideia de coisas feitas à maneira de Dante, mas porque o conjunto de sons pronunciáveis como «dantesco» é mais harmonioso, económico na pronúncia do que «dantiano», cuja vizinhança forçada de dois sons nasais e de duas oclusivas com os mesmos traços articulatorios (*d* e *t*) pode contrariar ou forçar demasiados hábitos de pronúncia (e ter menos força, pelo menos na língua italiana em que terá tido origem). O mesmo se pode dizer do sufixo «-ico» apostado ao nome «Maquiavel», prática que terá mais a ver com harmonização vocálica e consonântica do que com quaisquer traços semânticos do sufixo (que, por natureza da partícula que é, não os possui).

Ainda assim, haverá sempre exemplos de palavras forçadas que perduram, o que só diz que o hábito discursivo, comunicacional, dita as cristalizações lexicais, e não são marcas semânticas prévias a fazê-lo. Note-se também que um dicionário ou uma gramática, tal como são entendidos maioritariamente hoje em dia, são instrumentos descritivos, e não prescritivos, na linguística.

* [AIS] O que se diz é precisamente que a generalização do uso faz perder de vista o termo de origem. É justamente a «fama» ou «o valor corrente» de tais nomes (e já não pessoas) que os transforma em entidades gramaticais e, logo, lexical, gramatical, morfológicamente maleáveis como qualquer outro nome operacional numa língua viva.

ser bastante útil na comunicação de uma certa ideia de semelhança, num tom *vagamente depreciativo*.*

-ino *elem. de form.* (Do lat. *-īnus, -īna*). Exprime as noções de: 1. Origem, pertença (*vicentino*). 2. Relação (*dançasino*). 3. Valor diminutivo.

O caso do sufixo *-ino* é registado por corresponder aos parâmetros que inicialmente delineámos. O sufixo é utilizado na formação de *manuelino*, vocábulo derivado de D. Manuel I e que serve para designar o estilo arquitectónico característico do seu reinado—o *manuelino*. Mas, à partida, parece não haver grande utilidade em derivar algum arquitecto a partir deste sufixo. Quanto muito, poderíamos falar de um estilo *socrático*, relativo aos projectos assinados por José Sócrates enquanto engenheiro técnico.

-ico *elem. de form.* (Do lat. *-icus*). Exprime as noções de: 1. Relação, semelhança (*diabólico, simbólico*). 2. Presença.

Não foram detectados casos de sufixações de arquitectos com base no sufixo *-ico*. Contudo, o sufixo é aqui registado como homenagem ao autorismo *maquiavélico*, uma das mais bem sucedidas sufixações. O termo é baseado na doutrina política apresentada no livro do século XVI *Il Principe*, da autoria de Nicolau Maquiavel, onde se defende um exercício da governação sem preocupações de carácter ético relativamente aos meios. Como adjectivo, *maquiavélico* qualifica um plano ou pessoa sem escrúpulos que ludibria e prejudica como forma de alcançar o seu objectivo. Mais uma vez, estamos perante um autorismo cuja probabilidade de dissociação autor/autorismo é muito elevada.

-óide *elem. de form.* (Do gr. *εἶδος* ‘forma’). Exprime as noções de: 1. Aspecto, forma (*andróide, humanóide*).

O sufixo *-óide* talvez seja o sufixo mais arquitectónico de todos. Porque, para além de ter tido origem na Grécia, permite construir novos

* [AIS] De novo, a acepção depreciativa do sufixo «-esco» é discutível. «Simiesco» não é termo depreciativo por razão do sufixo usado na sua derivação, mas pelo contexto em que se usa (e, diria até, pelo nome que lhe dá origem e as características que, em situação comunicacional, lhe são atribuídas). Assim como, apesar do desdém que Raul Lino nutria por Le Corbusier, Corbusierescas é um «mal menor», quando qualificado adiante como «de feira oportunista» e contraposto a «produção séria e vital».

vocábulos relacionados com uma ideia de forma. Deveria, por isso, ser um sufixo bastante requisitado. Surpreendentemente, tal não acontece, excepto no caso (mais uma vez) de Álvaro Siza, se nos referirmos a edifícios de aspecto *sizóide*. De notar, contudo, que o acto da sufixação não acontece ingenuamente. Ou seja: para um autorismo deste tipo ser bem sucedido, o arquitecto a sufixar deverá ter um repertório formal consolidado e reconhecível. É o que acontece com o termo *sizóide*, validado por uma certa percepção colectiva relativamente ao imaginário formal de Siza.

Curiosamente, também se sente neste sufixo um tom *vagamente depreciativo*. O que nos leva a concluir que, no discurso arquitectónico, os autorismos que designem ideias de semelhança e de forma serão sempre considerados *vagamente depreciativos*.*

-ção *elem. de form.* (Do lat. *-tio, -tionis*). Exprime a noção de acção ou seu resultado (*colectivização, magnetização*).

O sufixo *-ção* tem direito a registo por estar na origem de uma das mais interessantes entradas lexicais deste género. Referimo-nos ao vocábulo *soutomorização*—neologismo dado a conhecer por Paulo Varela Gomes no seminário *Para que serve a architectura?*⁵ Neste encontro, Varela Gomes alertou para os eventuais perigos de uma *soutomorização* da paisagem, ou seja, de um perverso processo de proliferação pelo território português de projectos arquitectónicos similares às obras iniciais de Eduardo Souto Moura.

O exemplo do aparecimento do termo *soutomorização* é revelador da importância de uma narrativa por detrás da construção de uma nova palavra. Se existe uma ética na sufixação autoral, devemos reter o

* [AIS] Este «tom» só decorrerá do sufixo por semelhanças com outras palavras em uso na língua, como «esquizóide». A semelhança (ou por vezes a vontade de dissemelhança) entre vocábulos é, aliás, razão de opção linguística por uma em detrimento de outra construção lexical. Noutras línguas latinas o animal a que chamamos em português golfinho é designado por «dauphin» ou «delfino» (do latim *Delphinus*), só que a palavra portuguesa «golfo», referente a um lugar onde os tais animais podem ser encontrados, contaminou fonética e morfológicamente a designação do animal. A passagem de d para g é bastante complexa e dificilmente se explica por transições fonéticas claras. O que se deu foi uma contaminação cultural, demonstração que nem sempre são apenas questões sonoras, ou apenas questões culturais, a ditar o modo como as palavras se geram.

mandamento: *não sufixarás em vão*. Ou seja: o novo vocábulo só é legitimado se for pertinente, compreendido e apropriado pela comunidade disciplinar respectiva. É nesta perspectiva que Nuno Grande retoma o termo a propósito das últimas obras de Eduardo Souto Moura: «nos últimos anos, Eduardo deu-se conta do risco que uma possível «souto-de-mourização» da arquitectura portuguesa poderia acarretar, procurando contorná-lo de novo a partir do seu universo criativo.»⁶ *

-ada *elem. de form.* (Do lat. *-ata*, f. de *-atus*). Exprime as noções de: 1. Acção ou processo (*estalada, joelhada*). 2. Colectivo (*garotada, papelada*). 3. Aumentativo (*chuvada, noitada*). 4. Porção (*colherada, garfada*). 5. Marca feita com instrumento (*penada, pincelada*). 6. Golpe (*facada, martelada*). 7. Conjunto de acções ou ditos, com sentido negativo (*bimbalhada, brejeirada*). 8. Duração prolongada (*invernada, temporada*). 9. Acção ou movimento rápido (*golpada, olhada*). 10. Bebida ou produto alimentar (*laranjada, marmelada*).

Dada a escassez de autorismos derivados de arquitectos portugueses, deveremos registar o autorismo de sufixo *-ada* inspirado no nome de Tomás Taveira—*taveirada*. O emprego do termo, sublinhemos, não é aceitável numa escrita erudita ou académica, podendo até ser considerado, ao nível da língua, como um termo grosseiro. No entanto, é evidente o seu popular uso no meio arquitectónico, e não só. Poderemos ensaiar uma definição e dizer que *taveirada* designa uma arquitectura ornamentada com colunas, capitéis e frontões, de cores fortes, com uma composição geométrica berrante e comunicativa, característica de um estilo pós-modernista próximo de Michael Graves e Ricardo

* [AIS] É curioso que os exemplos dos «novos vocábulos» aqui propostos apareçam quase sempre em contextos em que o novo nome comum se refere à obra do próprio autor de cujo nome próprio derivaram, o que diz muito do carácter fechado, restrito, repito, da circulação deste léxico idiomático.

O sufixo perdura no círculo restrito da «comunidade disciplinar respectiva», ou seja, não tem valor gramatical ou dicionarizável já que nem todos os idiolectos o têm. Aliás, por natureza, os idiolectos escapam à padronização; quando passam a integrar a língua padrão (e sinal disso é integrarem um dicionário ou uma gramática, não apenas um glossário restrito), deixam, justamente, de poder ser considerados idiolectos.

A língua é das coisas mais democráticas que existem. Um termo entrará no dicionário se passar a fazer parte de um discurso generalizado, não apenas idiomático. Enquanto a sua descodificação estiver ao alcance de uma comunidade profissional ou curiosa, nada feito.

Boffil. O estabelecimento espontâneo deste autorismo, articulado com a particularidade do sufixo *-ada*, estará relacionado com a polémica em torno do projecto das Amoreiras e com o escândalo sexual em que o autor esteve envolvido nos anos 80. Apesar de tudo, deveremos reconhecer que a construção do autorismo a partir do nome de Tomás Taveira se deve, sobretudo, à vincada e reconhecível marca autoral das suas obras. Recordemos palavras recentes de Manuel Graça Dias proferidas no dia em que se assinalaram os 25 anos do centro comercial das Amoreiras: «Data desta época [anos 80] o termo «taveirada», sinónimo não só dos trabalhos característicos deste autor como também de mamarracho. Graça Dias analisa o termo: «Surge num período em que ficam prontas não só esta como também outras obras de Taveira que o homem da rua considerava excessivas [...]»⁷ *

-iano a) *elem. de form.* (Do lat. *-ānus, -āna*). Exprime as noções de: 1. Local de origem (*americano, transmontano*). 2. Membro de religião ou comunidade religiosa (*franciscano, maometano*). 3. Relação (*palaciano, diluviano*). 4. Designação afectiva (*bichano*). b) *sufixo nominal*, de origem latina, que exprime, de modo especial, autoria, relação (*garretiano, kantiano*).

O sufixo *-iano* merece ser destacado dos outros sufixos, pois é com base nesta sufixação que encontramos o maior número de autorismos nos mais diversos domínios do pensamento: do cinema ao teatro, da psicologia à literatura, da filosofia à linguística. Este predomínio explica-se pelo facto do sufixo *-iano* permitir o estabelecer de relações fluidas com uma determinada marca autoral. Numa elencação não exaustiva, destacamos alguns exemplos ilustrativos da amplitude disciplinar do fenómeno: *lacaniano, bergmaniano, proustiano, ballardiano, nietzschiano, brechtiano, deleuziano, barthesiano, balzaquiano, saussuriano, rosseliniano, heideggeriano, borgiano*; ou nos casos portugueses, *peçoano, camiliano, queirosiano, camoniano, agustiniano, saramaguiano, lourenciano*, etc.

* [AIS] A palavra «taveirada», não estando dicionarizada, faz parte de um discurso generalizado para além do círculo arquitectónico: não pelo estilo das obras do autor mas pela circulação mediática a que, em determinado momento, foi sujeito. Mas, dizendo «taveirada» no café da esquina, é pouco provável que um frequentador distraído saiba sequer, apesar de reconhecer o vocábulo e de ele até lhe provocar um esgar de gozo, que se refere a um arquitecto.

Se seguirmos por ordem alfabética alguns dos casos identificados no discurso arquitectónico português, começaremos inevitavelmente pelo autorismo *aaltiano*. Como exemplo do seu uso, apresentamos um excerto de Sergio Fernandez: «[Viana de Lima] não se furta, em 62, no projecto para a moradia Rocha Gonçalves, em Ofir, a ensaiar um vocabulário aaltiano [...]»⁸ Sergio Fernandez recorre ao autorismo relativo a Alvar Aalto para qualificar um vocabulário que estabelece uma determinada linguagem. No desenvolvimento do seu raciocínio, não nos oferece uma definição sobre o significado do tal «vocabulário *aaltiano*». Não é esse o seu objectivo pois assume que o leitor das suas palavras terá o conhecimento necessário para identificar o sentido do emprego do termo. Mas, para quem não domine a nomenclatura do meio disciplinar, o discurso pode apresentar-se encriptado. É para isso que os dicionários existem e é por isso que propomos o registo desta nova entrada lexical: *aaltiano* *adj.* (De <Alvar> Aalto, antropónimo + suf. *-iano*). Que é relativo ao arquitecto finlandês Alvar Aalto (1898–1976), ou à sua obra.

Continuando na primeira letra do alfabeto, encontramos o autorismo *albertiano*, relativo a Leon Battista Alberti. Neste caso, o autorismo surge intimamente ligado à sua obra escrita *De Re Aedificatoria*, o primeiro tratado moderno de arquitectura. Tomemos como exemplo abonatório um fragmento da autoria de Mário Krüger, um reconhecido *albertiano* (segundo a definição, um erudito conhecedor da obra de Alberti): «A *elegantia* no léxico, a *compositio* na sintaxe e a *dignitas* no recurso às figuras de estilo estão presentes no discurso Albertiano sobre arquitectura [...]»⁹

Chegamos à letra «C» e a Le Corbusier. Para além de *corbusieresco*, regista-se também o termo *corbusiano*, autorismo que reflecte a vasta e multifacetada obra de Corbusier. Neste contexto, foquemos uma citação de Luís Santiago Baptista: ««Ninguém é menos corbusiano do que Le Corbusier», afirmou Jean-Louis Cohen. Com isto deixava entender, explicitamente, a capacidade de abertura do arquitecto à mudança e, implicitamente, a disponibilidade das suas descobertas programáticas e invenções formais a uma potencial transformação futura.»¹⁰ O jogo de palavras de Cohen é também uma ilustração do absurdo—o facto de Le Corbusier não ser considerado um *corbusiano* invalidaria a própria validade do termo. No entanto, apesar desta aparente contradição, o termo *corbusiano* é validado, reconhecido e amplamente utilizado.

Aliás, se assim não fosse, o efeito da afirmação de Cohen não seria tão eficazmente alcançado.

Avancemos até à letra «K» de Louis Kahn e Rem Koolhaas. Relativamente ao primeiro, detenhamo-nos num excerto de Ana Vaz Milheiro: «São aspectos visíveis nas respectivas obras, que convivem desde sempre com o «moderno» enquanto fórmula instigadora. [...] Monumental e (já só vagamente) kahniana, em Hestnes (ISCTE, Lisboa, 1993–2002).»¹¹ É curioso, o cuidado de Ana Vaz Milheiro ao acrescentar o «já só vagamente» na qualificação da obra de Hestnes Ferreira. Por um lado, essa distinção reforça uma eventual precisão e objectividade do autorismo utilizado. Por outro, num outro nível de leitura, sublinha e revela uma ética pessoal na utilização dos autorismos. No caso de Koolhaas, reencontramos Varela Gomes que recorre ao autorismo *koolhaasiano* para evocar o carácter poliédrico da Casa da Música: «Quando Koolhaas escreve *Fuck the context*, limita-se a seleccionar de outra maneira os dados com que o seu projecto quer trabalhar: elimina a história, a sociologia, as árvores e os automóveis de, suponhamos, a rotunda e a avenida da Boavista no Porto, e destaca as geometrias koolhaasianas, por exemplo.»¹²

Na letra «L», chegamos a Adolf Loos e, na letra «M», a Mies van der Rohe. Através das suas derivações, podemos distinguir as obras mais *loosianas* de Álvaro Siza, ou as tipicamente *miesianas* de Souto Moura. Citemos dois excertos de Jorge Figueira, um reconhecido adepto dos autorismos: «O racionalismo iluminista e o moralismo loosiano permitem acalentar uma «autonomia disciplinar para a arquitectura», a «arquitectura em si mesma», fora do campo dissolvente de outras disciplinas [...]»¹³ «A intuição miesiana de Souto Moura é entretanto desenvolvida no sentido de uma apropriação fundamentada e verosímil. [...] Daí partilhar a obsessão modernista por uma arquitectura de planos, superfícies e linhas, de onde emergirão as necessárias janelas e portas.»¹⁴

Na letra «P», temos Andrea Palladio, e na letra «R», Aldo Rossi. Como exemplo abonatório, apresentamos um texto de Jorge Figueira onde se contabiliza um *palladiano*: «A Casa em Abrantes [de José António Bandeirinha] descende deste limiar: o modelo palladiano assimilado pela racionalidade novecentista.»¹⁵ E sete *rossianos*, um dos quais através de uma citação de Souto Moura, em jeito de confissão/definição: «Dir-se-ia, nesse sentido, que há um encontro entre o processo «minimalista» e a pesquisa «tipológica», e é também por aí que Souto

Moura é *rossiano*. O Mercado de Braga (1980–1984) e a Pousada do Bouro (1989–1997), por exemplo, balançam entre a estratégia «minimalista» e uma semântica *rossiana*.»¹⁶ «É essa a perspectiva exposta por Eduardo Souto Moura num depoimento que fez para a revista italiana *D'Architettura*: «Se Siza me deu a *mecânica* do projecto, Rossi deu-me a *epistemologia*, o suporte conceptual para a leitura da realidade»; «ser *rossiano*, para mim, significa compreender a cultura, compreender a história da cidade, dos lugares, da memória, e cruzá-los segundo uma lógica afectiva.»¹⁷ No mesmo texto, podemos ainda identificar uma requintada derivação do fenómeno dos autorismos que acontece quando se junta a terminação *-mente* a um autorismo. Ou seja: o autorismo entendido enquanto palavra que qualifica, enquanto adjectivo, origina um advérbio de modo. Como exemplificado neste excerto: «Em Lamego é a horizontalidade e depuração modular do edifício [de José Gigante] que lhe confere singularidade. Trata-se, *rossianamente*, de uma singularidade feita de coisas «normais»: módulo de janelas e pilares; reboco pintado de branco; recortes ásperos de luz e sombra.»¹⁸ *

Eis que chegamos à letra «S» de Álvaro Siza. Depois de registados os autorismos *sizesco*, *sizóide* e *sizista*, é chegada a vez do *siziano*. Este autorismo constitui um dos casos mais surpreendentes de apropriação generalizada, sendo utilizado por diversos autores no campo da crítica, da academia e do jornalismo corrente.

Na letra «V», encontramos Robert Venturi e o autorismo *venturiano*: «No Museu dos Baleeiros, Paulo Gouveia mostra, singularmente no contexto português, uma faceta neo-vernacular de inspiração *venturiana*.»¹⁹ Na mesma letra, há ainda o *vitruviano* de Vitruvius, que podemos ilustrar com o excerto de Alexandre Alves Costa: «Por isso, no reverso da medalha do realismo, sem nenhuma generosidade de fundamentos, substitui-se a construção da arquitectura pela construção

* [A15] A partir do momento em que o nome próprio se lexicaliza em nome comum, está sujeito a todas as regras da gramática que se aplicam aos nomes comuns. Nada mais democrático do que a língua: as adverbiações derivadas por sufixação, quando nascem, são para todos.

A obra teve tudo a ver com a criação do vocábulo, mas a partir do ponto na história em que este entrou para o dicionário (universal, no caso), vai cada um para o seu lado. Confirma-se, a língua é das coisas mais democráticas e, por isso mesmo, indiferentes e cruéis, que existem.

de imagens arquitectónicas e dissolvem-se, acompanhando as outras artes, as fronteiras da disciplina, até agora, apesar de tudo, fundamentada na trilogia vitruviana do *firmitas, utilitas e venustas*.»²⁰

Na letra «W», encontramos Frank Lloyd Wright e o autorismo *wrightiano*, termo já utilizado por Fernando Távora em 1962: «[...] enquanto que com referência ao funcionalismo se pode dizer que o homem se esqueceu de si próprio, com referência às realizações do organicismo wrightiano se pode dizer que o homem se esqueceu dos outros homens.»²¹ Ou por Nuno Portas, em 1964: «Será vago dizer, de alguns, que integram o espacialismo wrightiano com o brutalismo formal de Le Corbusier [...].»²²

Na última letra do alfabeto está Bruno Zevi e o autorismo *zeviano*. Citemos novamente Nuno Portas: «[...] as tais preocupações de programa/ tipologia e de linguagem tinham entrado em turbulência (no plano interno, o *Inquérito à Arquitectura Popular*, a mudança de mãos da revista *Arquitectura*; e, no internacional, as críticas do Team X, E. Rogers e De Carlo, Coderch... até à pedagogia zeviana e ao (neo) realismo italiano).»²³

Os autorismos ocorrem também a partir do nome de historiadores e teóricos da arquitectura. Como no caso de Kenneth Frampton, numa citação de Nuno Grande: «Por outro lado, e conforme descrito, Álvaro Siza transforma-se ainda numa referência para a crítica arquitectónica «resistente» (na concepção Framptoniana), enquanto afirmação alternativa às práticas e discursos dominantes no seio de uma crescente Globalização Cultural [...].»²⁴ Ou no caso de George Kubler, num artigo de Ana Vaz Milheiro: «As teses kublerianas encontrariam eco num momento em que «Portugal buscava uma autonomia política e ideológica de claros contornos, por assim dizer ‘periféricos’».»²⁵

Nota final

Deparamo-nos com um número muito reduzido de arquitectos portugueses sufixados. Apenas três: Álvaro Siza, Souto Moura e Tomás Taveira. Porque razão serão estes os arquitectos mais sufixáveis? Porque estarão de fora, por exemplo, Carrilho da Graça ou Gonçalo Byrne? A verdade é que o autorismo implica o reconhecimento de uma vincada marca autoral. Mas não só. Para que um autorismo se constitua e se replique espontaneamente, devemos ainda sublinhar a importância da *pertinência* do autorismo num discurso crítico responsável. Recordemos então o mandamento—*não sufixarás em vão*—como um postulado de uma ética do autorismo (postulado que não impede o surgir de novas sufixações mas que reforça a sua razão de ser).

Como nota final, foquemos o autorismo *kafkiano*. Enquanto substantivo, *kafkiano* designa um estudioso da vida de Franz Kafka. Enquanto adjectivo, para além de qualificar o que é relativo ao escritor ou à sua obra, *kafkiano* qualifica ainda o que é relativo a um ambiente confuso, ilógico, impenetrável, labiríntico. O adjectivo, neste segundo sentido, é particularmente relevante, dado que nos oferece um nível de significado mais amplo e distante de uma relação directa com o autor e a sua obra—o que poderá provocar a tal dissociação autor/autorismo.

Quando ocorre este afastamento, o autorismo liberta-se do meio especializado e entra num domínio alargado. Será esta uma das razões para a forte presença do termo *kafkiano* no discurso mediático, sendo utilizado, e abusado, para qualificar processos, histórias e situações. Desta forma, o autorismo alcança o clímax da sua existência, sendo sujeito às mais diversas apropriações e contextos. No entanto, nesta espécie de emancipação autoral, a probabilidade do autorismo ser invocado por quem não conheça o autor que lhe deu origem é muito maior. Esta passagem limite, a que só os mais bem sucedidos autorismos têm acesso, pode ser entendida como um sublime desenlace do seu processo de construção semântica. No fundo, estamos perante um final trágico. Ironicamente, o autor que em princípio seria homenageado no neologismo acaba diluído e engolido pela nova palavra a que deu origem.

Todo este processo ocorre num tempo lento e longo. Os novos termos vão sendo apropriados, replicados ou empregues a partir de uma nova perspectiva. O que originará equívocos, mal-entendidos e discussões. Eis-nos, então, imersos no curioso mundo do autorismo.

- 1 A menção ao «rigor intuitivo», aparente contradição entre razão e intuição, é consciente: valoriza-se o rigor ao mesmo tempo que se valoriza a intuição. O autor/arquitecto, com esta aparente contradição, reconhece assim a sua vontade de aproximação ao fenómeno linguístico-cultural. Daí falar-se em «ensaiair uma hipótese de aproximação afectiva», com toda a fragilidade que isso implica. Citando João Barrento, notamos que o ensaio pode ser entendido como uma «Aventura em terreno movediço, exercício de pensar; vacilante, oscilante (mas essa não é a sua fraqueza, é a sua força). Exercício de comentador, não a um texto maior, antes a uma ideia ínfima, mas seminal.» JOÃO BARRENTO, *O Género Intranquilo, anatomia do ensaio e do fragmento*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2010, p. 22.
- 2 Franco LA CECLA, *Contro L'Architettura*, Torino, Bollati Boringhieri, 2008.
- 3 Os sufixos são descritos com base nas seguintes fontes: *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências de Lisboa, Editorial Verbo, 2001; *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2010, <<http://www.priberam.pt/dlpo>>; *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Lisboa, Instituto Antônio Houaiss, 2003; *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 1996.
- 4 Raul Lino citado por Sergio FERNANDEZ, *Percurso – Arquitectura Portuguesa 1930/1974*, Porto, FAUP–publicações, 1985, p. 33.
- 5 Seminário organizado pela Dafne Editora e Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho, em Guimarães, nos dias 11 e 12 de Outubro de 2006.
- 6 Nuno GRANDE, «Eduardo Mãos de Tesoura» in *Eduardo Souto de Moura 2008*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2008, p. 7.
- 7 Ana HENRIQUES, Marisa SOARES, «Amoreiras: a polémica passou de moda, o shopping subiu de estatuto» in *Público*, 27 de Setembro, 2010.
- 8 Fernandez, *op.cit.*, p. 153.
- 9 Mário KRÜGER, «As leituras e a recepção do De Re Aedificatoria de Leon Battista Alberti» in <<http://homelessmonalisa.darq.uc.pt>>. Consultado em 13-11-2010.
- 10 Luís Santiago BAPTISTA, «Herança Le Corbusier — Lógica mediática e experimentação morfológica-tipológica» in *arq./a*, n.º 59/60, Julho-Agosto, 2008, p. 9.
- 11 Ana Vaz MILHEIRO, «The importance of being a Lisboner» in *A minha casa é um avião*, Lisboa, Relógio D'Água, 2007, p. 122.
- 12 Paulo Varela GOMES, «Teoria do Sítio» in *NU*, n.º2, Maio 2002, p. 9.
- 13 Jorge FIGUEIRA, *A Periferia Perfeita: Pós-Modernidade na Arquitectura Portuguesa, Anos 60 – Anos 80*, Dissertação de Doutoramento pela Universidade de Coimbra, Março 2009, p. 135.
- 14 Jorge FIGUEIRA, «Uma paisagem exacta» in *A noite em arquitectura*, Lisboa, Relógio D'Água, 2007, p. 38.
- 15 Jorge FIGUEIRA, «Para lá do 'contemporâneo', regressando a Rossi» in *A noite...*, *op.cit.*, p. 147.
- 16 *Ibid.*, p. 145.
- 17 *Ibid.*, p. 144.
- 18 *Ibid.*, p. 146.
- 19 Jorge FIGUEIRA, *A Periferia Perfeita...*, *op.cit.*, p. 438.

- 20 Alexandre Alves COSTA, «Os modernos são em geral superiores aos antigos» in *JA – Jornal Arquitectos*, n.º 214, Fevereiro-Março, Lisboa, 2004, p. 13.
- 21 Fernando TÁVORA, *Da organização do espaço*, Porto, FAUP – Publicações, 1996, p. 41. [1.ª ed. 1962, p. 53]
- 22 Nuno PORTAS, *A Arquitectura para Hoje*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, p. 115. [1.ª ed. 1964]
- 23 Nuno PORTAS, «A Habitação Colectiva nos *Ateliers* da Rua da Alegria» in *JA – Jornal Arquitectos*, n.º 204, Janeiro-Fevereiro, Lisboa, 2002, p. 49.
- 24 Nuno GRANDE, «Um paradoxo (também) português» in *Arquitectura & Não*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2005, p. 68.
- 25 Ana Vaz MILHEIRO, «Baixa corrente [O Efeito Kubler]» in *JA – Jornal Arquitectos*, n.º 217, Outubro-Dezembro, Lisboa, 2004, p. 58.

PEDRO BAÍA (Coimbra, 1980) é arquitecto pelo DARQ (2005). Actualmente, prepara tese de doutoramento sobre a recepção do Team 10 na cultura arquitectónica portuguesa. É co-fundador da *Circo de Ideias* e da *PechaKucha Night Porto*. Foi comissário do projecto *Berlim: Reconstrução Crítica* (2008). É editor de *Arquitectura da Artecápital – Magazine de Arte Contemporânea*, desde 2008.

OPÚSCULOS

— Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura —

<i>José Capela</i>	1	UTILIDADE DA ARQUITECTURA: 0+6 POSSIBILIDADES
<i>Pedro Gadanho</i>	2	PARA QUE SERVE A ARQUITECTURA?
<i>Godofredo Pereira</i>	3	DELÍRIOS DE PODER
<i>André Tavares</i>	4	AS PERNAS NÃO SERVEM SÓ PARA ANDAR
<i>Rui Ramos</i>	5	ELENCO PARA UMA ARQUITECTURA DOMÉSTICA
<i>Luis Urbano</i>	6	DUPLI_CIDADE E A FLÂNERIE CONTEMPORÂNEA
<i>Inês Moreira</i>	7	PETIT CABANON
<i>Susana Ventura</i>	8	O OVO E A GALINHA
<i>Guilherme Wisnik</i>	9	NIEMEYER: LEVEZA NÃO TECTÓNICA
<i>Miguel Figueira</i>	10	A MINHA CASA EM MONTEMOR
<i>Pedro Fiori Arantes</i>	11	O LUGAR DA ARQUITECTURA NUM «PLANETA DE FAVELAS»
<i>João Soares</i>	12	O SUPORTE DA MORAL DIFUSA
<i>Nuno Abrantes</i>	13	739H/M ²
<i>Gonçalo M Tavares</i>	14	ARQUITECTURA, NATUREZA E AMOR
<i>Ana Vaz Milheiro</i>	15	AS COISAS NÃO SÃO O QUE PARECEM QUE SÃO
<i>Bernardo Rodrigues</i>	16	ARCHITECTURE OR SUICIDE
<i>Miguel Marcelino</i>	17	A BELEZA INVISÍVEL DAS COISAS
<i>António Baptista Coelho</i>	18	ENTRE CASA E CIDADE, A HUMANIZAÇÃO DO HABITAR
<i>Pedro Bismarck</i>	19	LE DÉCOLLAGE DU ZYX24
<i>Susana Lourenço Marques</i>	20	FALSO ACASO E POSSÍVEL COINCIDÊNCIA
<i>Paulo Moreira</i>	21	REGRESSO AO PASSADO
<i>José Rosmaninho D S</i>	22	ATÉ AO ÚLTIMO QUARTO
<i>Diogo Seixas Lopes</i>	23	TENDENZA, O SOM DA CONFUSÃO
<i>Luis Santiago Baptista</i>	24	ZAHA HADID NA MÁQUINA DO ESPAÇO TEMPO
<i>Ana Laureano Alves</i>	25	ARQUITECTURA VENDE-SE!
<i>Pedro Baía</i>	26	AUTORISMOS

